

Como será o “novo normal” para investimentos?

LEÃO, Luiz. “Como será o “novo normal” para investimentos?” Agência CanalEnergia. Rio de Janeiro, 28 de julho de 2020.

Vivemos tempos desafiadores. Diante das incertezas causadas pela pandemia de COVID-19 e das dificuldades que as empresas têm encontrado para se adaptar ao cenário atual, já são corriqueiras as discussões sobre como será a vida social e empresarial no futuro.

Os modelos utilizados pelo mercado para prever cenários podem ser valiosos para eventuais tomadas de decisões, mas, têm seus limites para estabelecer, com exatidão, como aspectos humanos e sociológicos impactarão o ambiente de negócios. Mas, da mesma forma que enfrentamos limites, também adquirimos a capacidade de identificar caminhos e tendências – e estas, sim, com possibilidades de se concretizarem, ainda que em períodos diferentes.

Aplicando estas questões ao tema de alocação de capital, e buscando compreender como o mercado irá se adaptar, algumas balizas já começam a ser reconhecidas como pontos de atenção. Além de pilares básicos como rentabilidade, custo de capital, relação risco x retorno e aspectos regulatórios, vem ganhando força a busca por investimentos com viés de sustentabilidade.

Recentemente, algumas instituições financeiras brasileiras capitanearam a emissão de green bonds – títulos de dívida corporativa destinados a financiar projetos com impacto positivo no meio ambiente. Apesar de pouco desenvolvido no Brasil, o mercado de emissões “verdes” deve chegar na casa dos US\$ 400 bilhões em 2020, segundo pesquisa da Moody’s. É notável que o mercado está cada vez mais atento a produtos que gerem benefícios sociais e ao meio ambiente, e o volume de negócios *ESG-friendly* tem aumentado. Por outro lado, é óbvio que a demanda por este nicho só irá decolar quando as taxas para aplicador e tomador forem condizentes com outras modalidades de investimento.

Pelo lado do investidor, grandes gestoras que possuem fundos de impacto estão conseguindo entregar resultados consistentes, reforçando a tese de que o “novo normal” deverá ter um forte viés de sustentabilidade de longo prazo (a busca global por uma matriz energética renovável, por exemplo).

Aqui ganham destaque projetos baseados em tecnologia e demandas associadas à sustentabilidade, como as usinas solares e de biogás, voltadas a um setor estratégico da economia: energia.

No Brasil, tivemos sucesso com as emissões incentivadas para projetos de infraestrutura, que são isentas de IR para investidores pessoa física e, portanto, mais baratas para empresas e projetos. A publicação do decreto 10.387, no último dia 5 de junho, aumentando o escopo de setores que eventualmente poderão se beneficiar das emissões incentivadas, foi uma ótima notícia para o setor de infraestrutura.

Dada a relevância de se fomentar a demanda por projetos sustentáveis e o aparente interesse dos investidores em alocarem seu capital neste segmento, um benefício tributário similar ao das emissões incentivadas de infraestruturas, aumentará a atratividade para destravar negócios com critérios ESG no setor de energia.

Luiz Leão é Diretor Comercial e de Project Finance da Alexandria, empresa de energias renováveis